

Wagner da Silva

**DE PERSEGUIDOR A PREGADOR. O PAPEL DE PAULO NA
DIFUSÃO DA FÉ EM CRISTO, NOS PRIMEIROS ANOS DO
CRISTIANISMO.**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Bel. Siro Manoel de
Oliveira

Florianópolis
2020

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

SILVA, Wagner da

De perseguidor a pregador: o papel de Paulo na difusão da fé em Cristo, nos primeiros anos do cristianismo / Wagner da Silva; Orientador: Bel. Siro Manoel de Oliveira; Florianópolis, SC, 2020.

54 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Escritos Paulinos 2. Cristianismo Primitivo 3. 4. . II. Título.

Wagner da Silva

**DE PERSEGUIDOR A PREGADOR. O PAPEL DE PAULO NA
DIFUSÃO DA FÉ EM CRISTO, NOS PRIMEIROS ANOS DO
CRISTIANISMO.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 09 de outubro de 2020.

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Bel. Siro Manoel de Oliveira
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dr. Rénatus Porath
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Prof. Dr. Gilson Meurer
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Dedico este trabalho a todos os homens e mulheres, que como Paulo, confiantes na generosa graça dispensada por Deus a cada um de nós, não medem esforços para que a Boa Nova do Evangelho chegue a todas as pessoas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vocação à vida e ao ministério presbiteral, por meio do qual tive a oportunidade de entrar em contato com tais conteúdos e estudá-los. Também a meus pais que me educaram na fé em Cristo, a qual professo com alegria. Ao Prof. Bel. Pe. Siro Manoel de Oliveira, pela acolhida, apoio e dedicação que dispensou para a realização desta pesquisa. Por fim, a todos que, de alguma maneira, contribuíram para que o presente trabalho de pesquisa fosse realizado.

"Segundo a graça que Deus me deu, como bom arquiteto, lancei o fundamento"

(1Cor 3, 10a)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo, buscar uma melhor compreensão do papel de Paulo na formação da identidade cristã, nas duas primeiras gerações do cristianismo primitivo. Para realizar tal intento, e usando a pesquisa bibliográfica, o trabalho está dividido em três capítulos que apresentam uma busca pela biografia e cronologia de Paulo; a relação de Paulo com Jesus; e o desenvolvimento do projeto e imagem de Paulo, no contexto dos inícios do cristianismo primitivo. Possuindo um caráter bibliográfico, este trabalho visa explicar um determinado problema a partir de referências teóricas já publicadas em documentos. Por isso, conta com obras de Carlos Gil Arbiol, James D. G. Dunn, Jerome Murphy-O'Connor, e outros. Espera-se com esta pesquisa, contribuir com os estudos acerca do apóstolo das nações.

Palavras-chave: Paulo. Cristianismo. Fundamento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 PAULO: CIRCUNCIDADO AO OITAVO DIA, HEBREU FILHO DE HEBREUS	17
1.1 EM BUSCA DE UMA BIOGRAFIA	17
1.2 EM BUSCA DE UMA CRONOLOGIA.....	22
1.2.1 Cronologia absoluta	24
1.2.2 Cronologia relativa.....	25
1.2.3 Uma possível cronologia	27
2 A RELAÇÃO ENTRE JESUS E PAULO	29
2.1 DE JESUS A PAULO: ANALOGIAS E DIFERENÇAS	29
2.1.1 Semelhanças entre Jesus e Paulo	30
2.1.2 Diferença entre Jesus e Paulo.....	34
2.2 O EVENTO DE DAMASCO	35
2.3 A IMPORTÂNCIA QUE JESUS TEVE PARA PAULO	36
3 O CRISTIANISMO PRIMITIVO E O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO PAULINO	39
3.1 O DESENVOLVIMENTO DO CRISTIANISMO PRIMITIVO	39
3.2 O “FRACASSO” DO PROJETO PAULINO.....	41
3.3 ESTRATÉGIAS DE RECONSTRUÇÃO DE PAULO	45
CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa tem como tema central a pessoa do apóstolo Paulo e o desenvolvimento do cristianismo primitivo, dentro do contexto das duas primeiras gerações de cristãos, que abrange desde o ano 30 d.C. até o ano 110 d.C.

Paulo é uma personagem bastante controversa e discutida ao longo dos anos. De acordo com Arbiol, ele “é uma das mais paradoxais, atraentes e esquivas da história da humanidade”. Toda a discussão a respeito de sua personalidade e de seus escritos vão além do I século da humanidade, e está sempre dentro de um contexto de prós e contras.

Rinaldo Fabris, em sua obra *Paulo, o apóstolo dos gentios*; afirma que “para alguns, ele é um homem escolhido por Deus para proclamar o Evangelho aos não-judeus; para outros, ele é um perigoso propagador de uma forma de cristianismo que vai além ou contra a tradição religiosa inaugurada por Jesus”¹. Essas nuances são bastante perceptíveis pela maneira como abraça com radicalidade a fé em Cristo e pelo seu testemunho, a partir do seu encontro com o Ressuscitado, enquanto ia a caminho de Damasco que, de certo modo, serve de incentivo para os cristãos permanecerem fiéis Àquele que os chamou e os salvou.

O estudo acerca de Paulo é, por assim dizer, bastante atual. Basta ver aquilo que os exegetas chamaram de “perspectivas acerca de Paulo”. Que demonstram a grande discussão sobre a relação entre Paulo e o judaísmo de sua época, bem como a sua fidelidade a ele, e que envolvem a justificação pela fé e a questão da Aliança.

Em seu apostolado, Paulo enfrentou diversos problemas e perseguições. Em grande parte, dado ao seu imenso discurso a respeito da Lei, que, de certa forma, era usada como argumento pelos que ele intitulou “os da circuncisão”, para impedir o seu apostolado. Além do grande foco que deu na salvação pela fé em Cristo, o que seria suficiente para que os gentios alcançassem a salvação conseguida pela morte de Cristo na cruz. Tudo isto fez com que, por muitos, ele fosse tido como um traidor de seu povo, que abandonou as suas raízes judaicas, um verdadeiro apostata de Israel.

Unido a isso, muitos acreditam que o cristianismo que conhecemos hoje, é paulino. Esta crença nasce do fato de que é possível encontrar traços de seu pensamento e teologia, as vezes em forma de confirmação,

¹ FABRIS, Rinaldo. **Paulo**: apóstolo dos gentios. Tradução Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 699

outras como negação, em escritos do Novo Testamento, que surgiram após Paulo.

Partindo desse pressuposto, a pesquisa tem como objetivo principal, responder a pergunta: teria sido Paulo o fundador do cristianismo? Para tal feito, utiliza como metodologia, a pesquisa bibliográfica, que conta com obras de Carlos Gil Arbiol, James D. G. Dunn, Jerome Murphy-O'Connor, e outros. Enriquecido com outros artigos relacionados ao tema.

O trabalho está dividido em três partes que formam os três capítulos. Desta forma, a fim de cumprir com o objetivo proposto, inicialmente, buscará situar Paulo no espaço-tempo. Num segundo momento, será abordado o desenvolvimento do cristianismo primitivo. Por último, tratará da abordagem mais atual do estudo acerca de Paulo.

O primeiro capítulo buscará responder a pergunta: “quem é Paulo?” Para isso, apresentará dados da sua biografia, num primeiro momento, passando, a seguir, a apresentar as diversas cronologias que podem ser utilizadas para compreender os fatos dos primeiros séculos do cristianismo, bem como do desenvolvimento das escrituras neotestamentárias.

O segundo capítulo trata da relação entre Jesus e Paulo. Para explanar esse tema, começamos por situar brevemente o leitor, nas duas primeiras gerações do cristianismo primitivo e, em seguida, tratamos da relação de Jesus com Paulo. O capítulo busca, com isso, demonstrar a importância que Jesus teve na vida e ministério de Paulo.

Por fim, o terceiro capítulo faz uma pequena contextualização das duas primeiras gerações do cristianismo primitivo, seguindo com o tema do projeto missionário de Paulo, e como ele passou a ser compreendido após a sua morte.

1 PAULO: CIRCUNCIDADO AO OITAVO DIA, HEBREU FILHO DE HEBREUS

1.1 EM BUSCA DE UMA BIOGRAFIA

Traçar uma biografia de Paulo não é uma tarefa muito fácil, é realmente um grande empreendimento. Isto porquê o que se sabe a respeito da sua vida, é dado por ele próprio, em poucas linhas, no decorrer de suas cartas, e por Lucas em seus escritos dos Atos dos Apóstolos².

Muitas das principais indicações biográficas estão dispostas na primeira epístola aos Tessalonicenses, na primeira epístola aos Coríntios, na epístola aos Gálatas, na epístola aos Romanos e na epístola aos Filipenses. Não estão ali apenas por estar, nem ocupam um espaço demasiado pequeno nos corpos dos respectivos textos, mas não são suficientes para que se possa escrever uma biografia com base neles³.

Por longos anos teve-se o costume de ter como obra principal para o estudo da vida de Paulo, os Atos dos apóstolos. “Os historiadores e exegetas consideravam que tínhamos a ventura de possuir uma biografia de primeira mão”⁴.

Um dos fatores que fortemente contribuiu para isso, foi a chamada “seções-nós”, presentes na segunda parte da obra lucana. Ali podem-se encontrar passagens redigidas em primeira pessoa do plural, como se fossem um diário de viagem do próprio Paulo⁵, citamos como exemplo a passagem do capítulo 16 onde se lê: “Logo após a visão, procuramos partir para a Macedônia, persuadidos de que Deus nos chamava para anunciar-lhes a Boa-Nova”⁶.

É justo dizer que muitas vezes as informações biográficas das cartas e dos Atos são contraditórias entre si. Não conferem umas com as outras. Um dos motivos pode ser a própria motivação do autor em dar aquela informação, acrescido do modo como ele a descreve. Por isso, é natural que com o tempo, os exegetas confrontassem tais dados. Como

² MURPHY-O’CONNOR, Jerome. **Paulo**: biografia crítica. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2000. p. 17.

³ QUESNEL, Michel. **Paulo e as origens do cristianismo**. Tradução Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 11.

⁴ QUESNEL, 2004, p. 11.

⁵ QUESNEL, 2004, p. 11.

⁶ BIBLIA de Jerusalém. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2002. At 16,10.

um ato de resolução, nos anos 1950, estes tomaram a decisão de dar preferência às epístolas paulinas, mais que aos escritos de Atos⁷.

Ao analisar os dois conjuntos de obras, pode-se elencar quatro momentos de toda a narrativa em que Lucas mantém seu silêncio a respeito do ocorrido, ou apenas suaviza a ponto de disfarçar a presença de Paulo⁸.

O primeiro é a tensão existente entre os judeus de origem helenista e os outros helenistas que não acreditavam em Jesus, com seu auge após o martírio de Estevão. Esta tensão fez com que se criassem dois grupos, fazendo com que os cristãos helenistas tomassem partido de fugir e dar início à missão aos pagãos, enquanto os demais permaneceram na Judeia para realizar a missão entre os judeus⁹.

O segundo vem em decorrência do primeiro. Está ligado à missão em Antioquia, onde não era requisitado a circuncisão para aderir à fé em Jesus, como pode ser visto em At 15, 1-7. Lucas apresenta como tendo sido algo normal e de comum acordo entre a prática dos helenistas e a aceitação dos que permaneceram em Jerusalém, como se todos pensassem igual. Sabe-se porém, que esse assunto levou à Assembleia de Jerusalém, de acordo com At 15, 6-29 e Gl 2, 1-10¹⁰.

Isto nos leva ao terceiro momento, que é um completo silêncio de Lucas, mas que podemos ter conhecimento a partir da informação nos dada por Paulo em sua carta aos Gálatas (2, 11-14). Trata-se do incidente ocorrido em Antioquia, entre Paulo e Pedro. Quando este último, influenciado por Tiago, quis impor algumas práticas judaicas aos pagãos¹¹.

Por fim, o quarto silêncio de Lucas, consiste no encontro de Paulo com Tiago, após alguns anos de missão independente, para entregar a coleta feita entre os não judeus, aos pobres de Jerusalém¹².

Esses quatro momentos de silêncio nos apresentam muitos problemas, e nos permitem chegar a uma única conclusão: Lucas não se preocupou em tecer uma crônica da vida de Paulo, e todos os dados históricos que relata, não estão a serviço deste fato. Afim de suprir seus

⁷ QUESNEL, 2004, p. 13.

⁸ ARBIOL, Carlos Gil. **Paulo na origem do cristianismo**. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 178.

⁹ ARBIOL, 2018, p. 178.

¹⁰ ARBIOL, 2018, p. 179.

¹¹ ARBIOL, 2018, p. 179.

¹² ARBIOL, 2018, p. 179.

interesses teológicos, ele se preocupa em construir um relato, que conta, também, com a construção de alguns personagens¹³.

Contudo, não há somente discordâncias entre as obras. Elas concordam em diversos pontos, que podemos dizer essenciais para a compreensão paulina¹⁴.

Dos quais lembramos alguns: Paulo era judeu. Antes de ser alcançado por Cristo, ele foi perseguidor dos primeiros discípulos. Foi o primeiro a evangelizar Tessalônica, Filipos, Corinto, bem como a região da Galácia. Passou por Atenas logo depois de sua primeira estada em Tessalônica. No decorrer de suas missões, ele trabalhava com suas próprias mãos a fim de não depender das comunidades que o hospedavam e se deparou com diversas oposições, das quais a violência física não esteve ausente¹⁵.

Como visto acima, a complexidade de montar uma biografia da pessoa de Paulo é grande, dada a escassez de informações que temos acesso. Pouco possuímos de informações autobiográficas, o que nos força a criá-la a partir de deduções de alguns trechos de seus escritos, com base em elementos culturais e históricos, até mesmo de outros autores de fora do cânone, mas que permitem apertar os nós da teia que constrói a história de vida de Paulo.

Não se sabe ao certo qual foi o ano de seu nascimento. Apenas pode-se fazer uma dedução a partir daquilo que ele deixa registrado na sua carta a Filêmon quando diz: “É na qualidade de Paulo, velho e agora também prisioneiro de Cristo Jesus, que venho suplicar-te em favor do meu filho Onésimo, que gerei na prisão”¹⁶. Ora, é de compreensão comum tanto da cultura judaica quanto da cultura grega da época de Paulo, e também das épocas consecutivas a ela, que um homem era considerado velho, quando chegasse por volta dos seus 60 anos de idade. Isto pode ser verificado em diversos escritos, de diversos autores como Fílon de Alexandria; Sólon, um legislador ateniense; e Hipócrates. O mesmo pode ser visto nas tradições rabínicas¹⁷. Até mesmo o salmo 90 expõe tal

¹³ ARBIOL, 2018, p. 179.

¹⁴ QUESNEL, 2004, p. 19.

¹⁵ QUESNEL, 2004, p. 19.

¹⁶ Fm 9.

¹⁷ MURPHY-O’CONNOR, 2000, p. 17-19.

compreensão ao afirmar que “setenta anos é o tempo da nossa vida, oitenta anos se ela for vigorosa; e a maior parte deles é fadiga e mesquinhez, pois passam depressa, e nós voamos”¹⁸.

Em resumo: para os contemporâneos de Paulo, todo homem por volta dos 60 anos ou um pouco mais seria considerado “idoso”. Devemos supor que Paulo compartilhava dessa opinião. [...] Paulo teria, então, uns 60 anos, o que poria sua data de nascimento nos últimos anos da era pré-cristã. Em outras palavras, ele teria nascido mais ou menos na mesma época que Cristo¹⁹.

Também sobre a infância de Paulo não se pode dizer muita coisa. Sobre ela, Paulo não nos conta nada. Apenas deixa alguns acenos como por exemplo, aquilo que diz de si mesmo aos romanos, a saber: “Pois eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim”²⁰. Em outra passagem ele diz de si mesmo: “circuncidado ao oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamin, hebreu filho de hebreus”²¹. “Essa sua preocupação de afirmar suas credenciais judaicas revela o expatriado, isto é, um judeu que vivia na diáspora”²².

A indicação de que Tarso, a capital da Cilícia, seria a cidade natal de Paulo, é dada por Lucas, em Atos. Por pelo menos quatro vezes ele faz essa citação, como pode-se ver no capítulo 9: “Levanta-te, vai pela rua chamada Direita e procura, na casa de Judas, por alguém de nome Saulo, de Tarso”²³. Ou quando o próprio Paulo indica de onde ele é, como visto no capítulo 21 de Atos: “Respondeu-lhe Paulo: ‘Eu sou judeu, de Tarso, da Cilícia, cidadão de uma cidade insigne’. [...]”²⁴.

A respeito da sua juventude, Paulo nada escreveu. O que se pode fazer, é deduzir algumas coisas através de escritos de outras pessoas contemporâneas do apóstolo, que narraram o *modus vivendi*, próprio da sua época²⁵.

¹⁸ SI 90,10.

¹⁹ MURPHY-O’CONNOR, 2000, p. 20.

²⁰ Rm 11,1b.

²¹ Fl 3,5.

²² MURPHY-O’CONNOR, 2000. p. 47.

²³ At 9,11b.

²⁴ At 21,39.

²⁵ MURPHY-O’CONNOR, 2000, p. 61.

É certo que Paulo recebeu parte de sua educação em Jerusalém, como ele bem expressa na obra lucana: “Eu sou judeu. Nasci em Tarso, da Cilícia, mas criei-me nesta cidade, educado aos pés de Gamaliel [...]”²⁶. Em sua época, um garoto da Palestina terminava seus estudos com 12 ou 13 anos, quando era considerado responsável²⁷.

Como hebreu, precisou aprender o hebraico, tendo também, possivelmente, aprendido o aramaico; como membro do Império Romano, e para estar bem situado naquela sociedade, aprendeu também o grego²⁸. É possível que o início de sua instrução tenha começado no ambiente helenístico, juntamente com outras crianças em Tarso. Este possui uma peculiaridade. “O objetivo da educação helenística não era o desenvolvimento de um espírito crítico, mas a transmissão de toda uma cultura nas obras de autores como Homero, Eurípedes, Menandro e Demóstocles”²⁹.

Pode-se afirmar, então, que o contexto sociocultural de Paulo e sua educação foram interessantemente sincréticas, pois o judaísmo que ele conheceu era plural³⁰.

Sendo um judeu da diáspora e fariseu de formação profissional, ele viveu na e pela Torá, a vontade salvífica do criador revelada ao mundo inteiro. Ao mesmo tempo, sendo um cidadão da polis de Tarso, que falava grego e possuía a cidadania romana, não estava isento da educação e do espírito de seu tempo³¹.

O pano de fundo do pensamento paulino, portanto, possui a riqueza de ser marcado por três grandes correntes. São elas o Antigo Testamento, o judaísmo helenista e as tradições filosófico-populares do helenismo greco-romano. De certa forma, é possível afirmar que isto foi um dos principais motivos para a aparente facilidade com que Paulo ganha adeptos e forma comunidades, com a sua pregação³².

²⁶ At 22,3.

²⁷ MURPHY-O'CONNOR, 2000, p. 63.

²⁸ MURPHY-O'CONNOR, 2000, p. 63.

²⁹ MURPHY-O'CONNOR, 2000, p. 62.

³⁰ ARBIOL, 2018. p. 48.

³¹ SCHNELLE, Udo. **Paulo: vida e pensamento**. Tradução Monika Ottermann. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010. p. 92.

³² SCHNELLE, 2010, p. 93.

Paulo era um homem culto e filho de três culturas diferentes. Era um grego e, por isso, faz com que o cristianismo tenha língua grega, abrindo fronteiras. Era romano, por causa de seu nascimento em Tarso, na região da Cilícia. Era hebreu, aluno da escola de um grande rabino, Gamaliel; cultura que não largou, mesmo após conhecer e pregar a pessoa de Jesus Cristo. Todas essas culturas fazem dele um homem polímorfo. Não se pode compreendê-lo deixando de lado uma dessas facetas. É preciso considerá-las todas³³.

1.2 EM BUSCA DE UMA CRONOLOGIA

Em termos de história, montar uma cronologia é importante pois “tudo o que acontece tem seu lugar e tempo”³⁴. Um fator que desafia aqueles que buscam falar de Paulo, tanto na questão biográfica quanto no próprio estudo do desenvolvimento do cristianismo primitivo, é a questão cronológica. Em nenhum momento nos é apresentada a ordem dos fatos, nem nas cartas nem no livro de Atos, nem mesmo qualquer data ou outro tipo de informação que se possa usar para situar Paulo dentro do tempo e do espaço.

“Acontecimentos que são importantes para a história do cristianismo primitivo, como por exemplo, a Convenção dos Apóstolos ou a vocação de Paulo, não são identificados cronologicamente por Lucas”³⁵.

Por este mesmo motivo, o campo da cronologia é bastante discutido e teorizado³⁶. Alguém pode, contudo, questionar o motivo ou a importância de buscar uma cronologia para compreender Paulo. A este possível questionamento, Schnelle afirma:

³³ RAVASI, Gianfranco Ravasi. **Paolo, Servo di Cristo Gesù, apostolo per vocazione**: un ritratto spirituale e culturale dell'Apostolo delle genti. Genova, 2009. 1 vídeo (1h:43min.16s.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QSygFiUDMeo&t=1562s>>. Acesso em: 17 março 2020. 37min.

³⁴ SCHNELLE, 2010, p. 49.

³⁵ SCHNELLE, 2010, p. 49.

³⁶ HAWTHORENE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Tradução Barbara Theodoro Lambert. São Paulo: Loyola, 2008. p. 343.

Uma abordagem da vida e do pensamento paulino precisa ter uma estrutura *cronológica*, pois em Paulo é impossível separar pensamento e vida. Sendo que proveniência, carreira e teologia se condicionam mutuamente, a teologia paulina não pode ser captada somente segundo a história intelectual. A proveniência de Paulo já possui qualidade teológica, e o caminho de suas experiências e seu pensamento está marcado em medida ainda maior por acontecimentos, em parte singulares, que o determinaram fundamentalmente em seus pensamentos, emoções e atos. Por isso deve-se focar primeiro a proveniência intelectual de Paulo e seu caminho para o apóstolo vocacionado de Jesus Cristo³⁷.

Para montar uma cronologia mais justa e confiável, é preciso partir de duas fontes, que na verdade são as únicas disponíveis. São elas as cartas e a obra lucana dos Atos. Nelas é possível encontrar dois tipos de indicadores cronológicos: os internos que se referem aos acontecimentos próprios da vida de Paulo, e os externos que são os acontecimentos e pessoas que circundam e, podem ou não influenciar diretamente a vida de Paulo. Estes dois fatores são bastante visíveis em Atos, quando entre um acontecimento e outro do dia a dia de Paulo, é inserido alguma informação sobre algum personagem histórico, como por exemplo, o procônsul Galião, em At 18, 12.

Há ainda que se considerar dois tipos de provas, primárias e secundárias. Enquanto aquelas se referem às cartas, por terem sido escritas pelo próprio Paulo, estas estão ligadas a Atos, que foi escrito a respeito de Paulo, mas não por ele próprio³⁸.

Como forma de resposta e organização à questão cronológica, Schnelle apresenta duas formas de análise. Afirma que há uma cronologia absoluta e uma cronologia relativa, que não podem ser vistas separadamente, visto que a primeira dá base e complemento para a segunda. De acordo com a sua teoria, a cronologia absoluta está ligada diretamente aos fatos e acontecimentos da história universal, que são mencionados no Novo Testamento e comprovados por autores extra-neotestamentários, bem como pelos estudos e achados arqueológicos. A

³⁷ SCHNELLE, 2010, p. 38.

³⁸ HAWTHORENE, 2008, p. 343.

cronologia relativa, por sua vez, está ligada à atuação de Paulo, com base nos acontecimentos da cronologia anterior³⁹.

1.2.1 Cronologia absoluta

Dentro desta categoria, Schnelle adicionou dois fortes elementos da história universal, a saber: o decreto de Cláudio, com a expulsão dos judeus de Roma; e a inscrição de Gálio.

O livro de Atos diz que, quando Paulo chegou em Corinto, “encontrou um judeu chamado Áquila, natural do Ponto, recém-chegado da Itália com Priscila, sua mulher, em vista de Cláudio ter decretado que todos os judeus se afastassem de Roma”⁴⁰.

Acredita-se que o motivo de Lucas ter dado essa informação era de que ele queria dar uma data ao momento em que Paulo chega em Corinto. O que para os leitores de sua época, estando dentro daquele contexto, não teria tanto problema. Os problemas surgem para os tempos hodiernos⁴¹. A saída é buscar os elementos em textos e contextos da Antiguidade.

Suetônio relata esse acontecimento da seguinte maneira: "Os judeus, ele os expulsou de Roma, porque eles, incitados por Chrestos, provocavam constantemente perturbações"⁴². Mais tarde, Paulo Orósio confirma a informação de Suetônio, mas a situa no nono ano do reinado de Cláudio, como imperador romano⁴³.

É sabido que Cláudio reinou entre os anos 41 e 54 d.C. O costume romano era de que os anos do seu reinado fossem contados a partir do momento em que fossem aclamados. “Como Cláudio foi aclamado pela guarda pretoriana em 25 de janeiro de 41 d.C., seu nono ano foi o de 25 de janeiro de 49 d.C. Por isso a maioria dos biblistas datam a chegada de Paulo a Corinto em 49 d.C.”⁴⁴

O encontro de Paulo com Galião é narrado na obra lucana da seguinte maneira: “Sendo Galião procônsul da Acaia, os judeus levantaram-se unanimemente contra Paulo e conduziram-no ao tribunal [...]”⁴⁵, e é “amplamente considerado ‘data fundamental’ para a

³⁹ SCHNELLE, 2010, p. 50.

⁴⁰ At 18,2.

⁴¹ MURPHY-O'CONNOR, 2000, p. 24.

⁴² SCHNELLE, 2010, p. 50.

⁴³ MURPHY-O'CONNOR, 200, p. 25.

⁴⁴ MURPHY-O'CONNOR, 2000, p. 25.

⁴⁵ At 18,12.

cronologia paulina”⁴⁶. De acordo com O’Connor, este fato “é o elo de ligação da cronologia paulina, o único entre a missão do apóstolo e a história geral aceito por todos os biblistas”⁴⁷.

O que ampara e certifica esse encontro, é a existência de um escrito do imperador Cláudio à cidade de Delfos, e tem como data a 26^a aclamação de Cláudio como imperador⁴⁸. “Essas aclamações eram um ritual de aplauso público que sancionava um triunfo do imperador, por exemplo a conclusão de uma campanha militar bem sucedida ou uma vitória de significado especial”⁴⁹.

Como não há nenhum outro escrito que dê garantia à 26^a aclamação, é preciso buscar um outro que o faça. Por sorte, há um outro escrito, sobre a 27^a aclamação do Imperador, que ocorreu no ano 52 d.C. O escrito em questão é uma carta escrita ao sucessor de Galião. Considerando o fato de que era costume que o procônsul permanecesse no cargo por um ano, Galião teria, então, trabalhado no ano de 51 d.C.⁵⁰. Logo, por dedução, a melhor data para se referir à chegada de Paulo em Corinto, é o ano 50 d.C., por possuir mais elementos históricos que confirmam os fatos neotestamentários.

1.2.2 Cronologia relativa

A chegada de Paulo em Corinto é um marco central e primordial para a construção da sua cronologia. É por isso que Schnelle apresenta como cronologia relativa os acontecimentos que estão antes de sua chegada a Corinto e após a sua saída de Corinto. Esta cronologia é marcada por fatos que estão narrados por Lucas em Atos e confirmados, mesmo que sem exatidão de datas ou ordem, por Paulo em suas Cartas, de modo especial, a carta dirigida aos Gálatas. O modo como tais fatos nos são transmitidos, nos ajudam a datar outros eventos de grande importância para a história do cristianismo, como a morte de Jesus, a conversão de Paulo, entre outros.

Dentro do grupo dos acontecimentos antes de Corinto, estão a segunda viagem missionária do Apóstolo e a convenção dos Apóstolos em Jerusalém. Todos esses fatos são bastante problemáticos em sua linha temporal, principalmente por haver divergências entre aquilo que é

⁴⁶ HAWTHORENE, 2008, p. 349.

⁴⁷ MURPHY-O’CONNOR, 2000, p. 30.

⁴⁸ SCHNELLE, 2010, p. 51.

⁴⁹ MURPHY-O’CONNOR, 2000, p. 31.

⁵⁰ MURPHY-O’CONNOR, 2000, p. 31.

narrado por Lucas e aquilo que é dito pelo próprio Paulo, acerca de si mesmo⁵¹. Essas divergências, contudo, não negam os fatos, ou seja, ambas informações são verdadeiras, o problema, porém, é de ordem cronológica.

A divergência maior gira em torno da quantidade de vezes que Paulo teria visitado Jerusalém, antes da Convenção dos Apóstolos. Na sua carta aos Gálatas, ele diz que somente após três anos da sua conversão ele subiu a Jerusalém para encontrar Cefas e Tiago, com quem permaneceu durante 15 dias⁵². E que subiu novamente uma segunda vez, 14 anos mais tarde, especificamente para participar da Convenção⁵³. Enquanto Lucas, narra que Paulo teria subido duas vezes antes da Convenção, a primeira logo após a sua conversão, conforme narrado em At 9,26; e a segunda um pouco antes da Convenção, logo após a fundação da comunidade de Antioquia, para levar as contribuições para os pobres da Judeia, por conta da grande fome que assolava aquela região⁵⁴.

Toda essa diferença entre as duas narrativas se dá porquê “para Lucas, as viagens do apóstolo Paulo a Jerusalém são um meio de composição para ilustrar a difusão do Evangelho no mundo”⁵⁵. A nós, porém, cabe dar preferência àquilo que foi escrito pelo apóstolo, em suas Cartas.

No grupo dos acontecimentos após Corinto estão as viagens feitas por Paulo, até sua chegada a Roma. De acordo com as informações das cidades que foram visitadas e com dados históricos que os relatos bíblicos nos apresentam, é possível tirar algumas conclusões, que levam ao conhecimento dos últimos anos de Paulo, bem como a datação de algumas de suas Cartas.

Tanto Paulo quanto Lucas, situam uma passagem por Antioquia após a Convenção dos Apóstolos, momento em que ocorre o chamado incidente antioqueno. Um pequeno embate entre Paulo e Cefas, conforme ele mesmo narra em Gl 2, 11-14. “A viagem de 600km de Jerusalém a Antioquia teria levado entre duas e quatro semanas”⁵⁶. O que coloca este evento no mesmo ano que o encontro dos apóstolos em Jerusalém.

⁵¹ SCHNELLE, 2010, p. 53.

⁵² Gl 1,18.

⁵³ Gl 2,1.

⁵⁴ At 11, 27-30.

⁵⁵ SCHNELLE, 2010, p. 55.

⁵⁶ MURPHY-O’CONNOR, 2000, p. 44.

A esses eventos soma-se a estada de Paulo em Éfeso, que teve uma duração aproximada de dois anos e três meses⁵⁷. Um espaço de tempo considerável e que merece ser registrado.

De acordo com o livro de Atos, Paulo estava já preso em Cesaréia, por no mínimo dois anos quando ocorreu a substituição dos procuradores, tendo sido Félix substituído por Festo⁵⁸. “Essa mudança de autoridade é experimentalmente datada de 59 ou 60 d.C. Portanto a prisão de Paulo deve datar de 57 ou 58 d.C.”⁵⁹. Seguido disso vem a possível viagem de Paulo à Espanha e sua última estada em Roma, onde, “segundo o testemunho de At 28,30, Paulo podia se movimentar com relativa liberdade e pregava em sua moradia sem impedimento”⁶⁰. De acordo com Schnelle, não se sabe ao certo o ano da morte de Paulo, sabe-se apenas que foi morto durante a perseguição de Nero, aproximadamente pelo ano 64 d.C.

1.2.3 Uma possível cronologia

Como visto, são muitos os critérios que servem para a construção de uma cronologia, o mais fiel possível. Assim, com base nos critérios apresentados nos itens anteriores, com as contagens de tempo entre um e outro acontecimento, é possível deduzir uma cronologia que seja plausível, a ponto de ser aceita e utilizada para os estudos das cartas e das viagens missionárias de Paulo. A que será apresentada abaixo, foi elaborada por Schnelle, e nos ajudará a ilustrar melhor o presente capítulo. Os anos indicados na tabela são sempre depois de Cristo.

Morte de Jesus	30
Conversão de Paulo	33
Primeira estada em Jerusalém	35
Paulo na Cilícia	36-42
Paulo em Antioquia	42
Primeira Viagem Missionária	45-47
Convenção dos Apóstolos	48 (primavera)
Incidente antioqueno	48 (verão)
Segunda Viagem Missionária	48 (fim de verão)- 51/52
Paulo em Corinto	50/51

⁵⁷ MURPHY-O’CONNOR, 2000, p. 44.

⁵⁸ At 24, 27.

⁵⁹ MURPHY-O’CONNOR, 2000, p. 45.

⁶⁰ SCHNELLE, 2010, p. 60.

Gálio em Corinto	51/52
Viagem a Antioquia	51/52
Terceira Viagem Missionária	52-55/56
Estada em Éfeso	52-54/55
Paulo na Macedônia	55
Última estada em Corinto	56 (início do ano)
Chegada a Jerusalém	56 (início do verão)
Prisão em Cesareia	56-58
Troca de procurador: Félix/Festo	58
Chegada a Roma	59
Morte de Paulo	64

Fonte: SCHNELLE, 2010, p. 60-61.

2 A RELAÇÃO ENTRE JESUS E PAULO

2.1 DE JESUS A PAULO: ANALOGIAS E DIFERENÇAS

Como pode ser visto no capítulo anterior, embora tenham sido contemporâneos, não há indícios de que possa ter havido algum encontro pessoal entre Jesus e Paulo, durante a vida terrena de Jesus.

Um dos primeiros motivos é a própria origem das duas personagens, que é bastante distinta. Jesus nunca chegou a sair da Galileia e, Paulo, era pertencente ao mundo urbano de Tarso, envolto por toda a cultura helenística e pelo próprio Império Romano.

Por muito tempo teve-se certeza de que não havia distância entre Jesus e Paulo. Acreditava-se de que havia uma linha ininterrupta entre os dois, não havia dúvidas de uma continuidade. Isto se deu pelo fato de que, facilmente, podia-se encontrar o Cristo dos Evangelhos, nos escritos paulinos⁶¹.

A busca pelo Jesus histórico começou por complicar as coisas, colocando dúvidas sobre esta crença. À medida que os estudos foram se desenvolvendo, percebeu-se que havia, sim, uma certa diferença entre aquilo que era a mensagem de Jesus nos Evangelhos, e aquilo que Paulo havia escrito de Jesus em suas cartas. A descoberta e confirmação da judaicidade de Jesus, só contribuiu para piorar as coisas. Jesus começou a ser analisado com critérios puramente judaicos, viu-se nele a característica de profeta, de mestre judeu, engajado na restauração de Israel⁶².

Enquanto Paulo, em contrapartida, foi caracteristicamente entendido como aquele que rompeu com seu passado judaico, como aquele que abandonou a Torá, como aquele que transformou o que começou como seita messiânica judaica em uma religião predominantemente gentia, como aquele que começou a transpor a mensagem bem judaica de Jesus para a linguagem do idioma e da filosofia gregos, como aquele que transformou a moralidade de Jesus em religião do sacrifício sangrento e da redenção⁶³.

⁶¹ DUNN, James D. G. **Jesus, Paulo e os Evangelhos**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 129.

⁶² DUNN, 2017, p. 129.

⁶³ DUNN, 2017, p. 129-130.

Contudo, nem tudo é tão ruim quanto parece num primeiro momento. Com o passar dos anos e o avanço dos estudos, tornou-se possível perceber que o projeto de Paulo, que se manifesta em seu apostolado e que teve como temática central, a renovação de Israel, era bastante congruente com aquilo que é visto no ministério de Jesus. Não excetuando as devidas diferenças, que não podem deixar de faltar. Nesta explanação, vamos começar por apresentar as semelhanças.

2.1.1 Semelhanças entre Jesus e Paulo

Um olhar atento para os Evangelhos e para os escritos paulinos, consegue perceber que há ali uma preocupação escatológica. Pode-se dizer, até mesmo apressada. É justo dizer que a preocupação era, sim, a mesma; porém, mesmo tendo o foco na mesma pessoa de Jesus, os entendimentos eram diferentes.

Ambos [...] compreendiam o tempo presente como um tempo de possibilidades, de esperança, de novidade. Acreditavam que o presente era um momento decisivo que abria possibilidades novas para todas as pessoas, independentemente de sua condição⁶⁴.

Acreditando, Jesus, que o Espírito do Senhor estava sobre ele, que o havia ungido e o enviado para anunciar a boa nova aos pobres, “a curar os quebrantados de coração e proclamar a liberdade aos cativos, a libertação aos que estão presos, a proclamar um ano aceitável a Iahweh [...]”⁶⁵. Ele tinha certeza de que Deus já estava agindo em seu tempo, através do seu ministério. A unção recebida no dia do seu batismo (cf. Mc 1,10), marcando o início da sua vida pública, é o sinal forte de distinção do seu ministério. Para ele, o agir do Espírito de Deus, marca a sua presença no tempo⁶⁶. Ao mesmo tempo que ele gera uma tensão escatológica, pois enquanto “proclamou com seus ditos e feitos que o reino de Deus já havia começado (cf. Mc 1,15; Lc 11,20)”⁶⁷, proclamou,

⁶⁴ ARBIOL, 2018, p. 166.

⁶⁵ Is 61, 1-2.

⁶⁶ DUNN, 2017, p. 142.

⁶⁷ ARBIOL, 2018, p. 166.

também, “que se instauraria completamente na futura intervenção de Deus”⁶⁸.

Da mesma forma Paulo gera esta dupla visão escatológica. “Ela, via de regra, é expressa como o ‘já e ainda não’ em sua compreensão do processo de salvação”⁶⁹. O fato é que Paulo encontra na morte e ressurreição de Jesus a intervenção decisiva de Deus na história da salvação. Esta intervenção, que apesar de decisiva, ainda não é completa, encontraria a sua completude na vinda iminente do Senhor para julgar os vivos e os mortos⁷⁰.

A grande descoberta de Paulo é que “em razão da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, o Espírito de Deus age de novo”⁷¹. Este já e ainda não, da escatologia paulina, está ligado diretamente à compreensão que Paulo teve do batismo, onde somos sepultados na morte com Cristo, a fim de que possamos viver uma vida nova (cf. Rm 6,1-11).

Para Paulo, o batismo marca não “simplesmente o início de uma nova compreensão da existência, mas, em sentido amplo, o começo da existência como tal”⁷². Com a recepção do Espírito Santo no batismo, o cristão não deve continuar a viver da mesma maneira, ele agora, unido a Cristo, morto para o pecado, passa a participar do agir do Espírito, fazendo acontecer o presente da salvação⁷³.

Paulo não perde tempo em enfatizar que o Espírito é, portanto, “o *arrabôn*, a primeira prestação que garante o pagamento total e final (2Cor 1,22); e que o Espírito é a *aparché* (Rm 8,23), a primícias, os primeiros frutos que sinalizam o início da colheita”⁷⁴. É por isso que, dentro de uma vida que é moldada por este Espírito e na fidelidade à fé em Cristo, é que se recebe, no final, a vida eterna.

O segundo elemento análogo entre Jesus e Paulo é a visão política da fé. Com isso, quer-se afirmar o fato de que ambos veem a fé como algo para além da intimidade do crente, a fé não é, portanto, intimista. Não se refere somente na relação do crente com Deus, mas no modo como,

⁶⁸ ARBIOL, 2018, p. 166.

⁶⁹ DUNN, 2017, p. 143.

⁷⁰ ARBIOL, 2018, p. 166.

⁷¹ SCHNELLE, Udo. O presente da salvação, o centro do pensamento paulino. In: DETTWILER, Andreas; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel (Orgs). **Paulo, uma teologia em construção**. São Paulo: Loyola, 2011. p. 337-362. p. cit. 348.

⁷² SCHNELLE, 2011, p. 348.

⁷³ SCHNELLE, 2011, p. 348.

⁷⁴ DUNN, 2017, p. 145.

aquele que crê em Deus, segue Jesus e foi batizado, age dentro da realidade em que está inserido⁷⁵.

Ambos “compreenderam e anunciaram, cada um a seu modo e com estratégias diferentes, que Deus quer um mundo novo”⁷⁶. Assim, mais do que transformar a própria vida, o crente é chamado a transformar o mundo com a sua fé, ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14).

Há, ainda, um terceiro elemento comum entre Jesus e Paulo, a mesma preocupação pela restauração de Israel. Aqui podemos dizer que o foco e a intenção eram os mesmos, porém, a metodologia e as compreensões eram diversas. O primeiro fator é o lugar. “Jesus deu início a um movimento de restauração intrajudaico, cujo confins eram provavelmente as fronteiras de Israel”⁷⁷. Preocupou-se, primeiramente, com as ovelhas perdidas da casa de Israel, a ponto de dar tal ensinamento aos seus discípulos⁷⁸ (cf. Mt 10,5-6).

Enquanto Paulo, em contrapartida, tinha seu foco para além das fronteiras de Israel. Realizou sua missão entre os pagãos, buscando fazer com que eles passassem a ser parte integrante do povo eleito⁷⁹. Isto é, reconciliar aqueles que, por tradição, eram considerados os pecadores. Aqueles que não estavam de acordo com o ordenamento da lei. Os “excluídos da cidadania em Israel e estranhos às alianças da Promessa, sem esperança e sem Deus no mundo”⁸⁰. Mas que, a partir do mistério de Cristo, não poderiam mais viver alheios à dignidade de filhos, que a graça de Deus concede.

Este dado é o que mais se aproxima, daquilo que é chamado de *a nova perspectiva sobre Paulo*⁸¹. Intrínseco a essa preocupação com a restauração de Israel, está a compreensão paulina de *ekklesia*,

uma criação histórica a caminho da plena realização do projeto de Deus, que incluía a renovação de Israel, a partir da sua compreensão da

⁷⁵ ARBIOL, 2018, p. 166.

⁷⁶ ARBIOL, 2018, p. 166.

⁷⁷ ARBIOL, 2018, p. 167.

⁷⁸ DUNN, 2017, p. 130.

⁷⁹ ARBIOL, 2018, p. 167.

⁸⁰ Ef 2,12.

⁸¹ cf. ARBIOL, Carlos Gil. La novedad de Pablo en el judaísmo de su tiempo. Un debate que no acaba. **Revista Bíblica**, n. 81, p. 91-117, 2019. p. 99.

morte de Jesus, conectando com as esperanças mais universalistas do livro de Isaías⁸².

Dois trechos, de duas cartas de Paulo ajudam a compreender melhor o que ele entendia da sua missão para com os gentios, e da renovação de Israel. O primeiro deles está em Gl 3-4. Neste texto ele trata da adoção dos gentios como filhos da família de Abraão, mediante a fé em Cristo, sem a necessidade de assemelha-los aos demais judeus, pelas marcas de identidade étnicas, causadas pela circuncisão; e sem alterar, assim, a configuração do conjunto de Israel. A ideia de adoção filial é crucial para o entendimento deste texto e deste ponto de vista de Paulo, ao mesmo tempo que era uma realidade comum no mundo helenista, afirmado na própria mitologia, ao passo que muitos imperadores praticavam a adoção para conseguir herdeiros ao seu trono⁸³. Em suma, para Paulo, “os seguidores de Cristo gentios são iguais aos seguidores de Cristo judeus, todos são herdeiros de Abraão e são um só em, e por meio de, Cristo”⁸⁴.

O segundo texto é o de Rm 11, 1-26. Nesta perícope aparece mais claramente a questão da inserção dos gentios no povo de Israel. Ele usa aqui, a metáfora do enxerto. Diferente do que normalmente se faz quando quer se falar de Israel, comparando-o a uma videira; Paulo, talvez para mostrar um horizonte muito maior para a sua colocação, utiliza a figura da oliveira. Existe na cultura mediterrânea o conhecimento de que quando uma oliveira cresce muito bem, mas não produz os frutos esperados, é possível fazer um enxerto de uma outra oliveira, para que auxilie na saúde daquela. Com base nisso, deduz-se que Paulo está se referindo à saúde de Israel, que não deu os frutos desejados por Iahweh, tendo negado o Messias enviado por Ele. Por isso precisa da ajuda dos gentios, os escolhidos que conseguiram aquilo que Israel não conseguiu (Rm 11, 7), para que possam voltar a crescer e dar bons frutos, espelhando-se na fé dos que creem no Cristo⁸⁵.

⁸² “[...] una creación histórica en camino hacia la plena realización del proyecto de Dios, que incluiría la renovación de Israel tal como lo comprendía a partir de la muerte de Jesús, conectando directamente con las esperanzas más universalistas del libro de Isaías”. (ARBIOL, Carlos Gil. El fracaso del proyecto de Pablo y su reconstrucción. **Estudios Bíblicos**. n. 73, p. 373-408, 2015. p. 380. Tradução nossa).

⁸³ ARBIOL, 2019, p. 102-103.

⁸⁴ CAMPBELL, William S. **Paulo e a criação da identidade cristã**. Tradução Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2011. p. 161.

⁸⁵ ARBIOL, 2019, p. 105-106.

Neste ponto, ambos, Jesus e Paulo, foram bastante corajosos e convictos da sua fé, a ponto de romperem barreiras sólidas dentro do mundo judaico. Resumindo, da mesma maneira que Jesus rompeu as fronteiras dentro de Israel, Paulo rompeu a fronteira ao redor de Israel⁸⁶.

2.1.2 Diferença entre Jesus e Paulo

Mesmo dentro de um determinado tema, que é comum a Jesus e Paulo, é possível perceber a diferença sutil no modo como cada um deles a compreende, pelo modo como foram educados, o seu desenvolvimento cultural, entre outros. Mas existem ainda algumas outras diferenças sutis, que numa leitura desinteressada, passariam despercebidas facilmente.

A primeira, que vai de encontro ao que foi tratado no item anterior, é a própria origem de cada um destes personagens. Temos aí um contexto completamente diferente. Jesus tem sua origem no ambiente rural da Galiléia, enquanto Paulo, um judeu da diáspora e, portanto, inserido no mundo greco-romano, tem sua origem no ambiente urbano⁸⁷.

Esta diferença é perceptível na vida de ambos. Jesus transitou pelas pequenas aldeias de sua região, utilizava uma linguagem com elementos rurais (a figura do pastor, do sementeiro, da vinha, e outros), e seus ouvintes eram palestinos. Ao passo que Paulo, transitou por grandes e importantes cidades do Império Romano. Por isso, para narrar a fé em Cristo, utilizava-se de metáforas urbanas e greco-romanas, como a questão dos jogos (cf. 1Cor 9,24-27). Além disso, os destinatários de suas cartas eram cristãos vindos do paganismo⁸⁸.

Uma outra diferença é o estilo literário que cada um utilizou para passar a sua mensagem. Neste quesito, vê-se em Jesus a preferência pela utilização de uma alegoria conhecida por parábola. Do grego *paraboleh*, a parábola é constituída por uma comparação, que toma o formato de uma pequena história, e que contém elementos do cotidiano, possuindo, como fim, passar alguma verdade moral ou espiritual aos seus ouvintes⁸⁹. E dessas temos muitos exemplos nos Evangelhos.

Esta forma estética escolhida por Jesus, não trata apenas do Reino, mas, também, do ser humano. São falas que apontam para Deus a partir da vida cotidiana. As parábolas possuem uma característica fundamental,

⁸⁶ DUNN, 2017, p. 140.

⁸⁷ ARBIOL, 2018, p.167.

⁸⁸ ARBIOL, 2018, p. 167.

⁸⁹ DICIONÁRIO On-line de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/parabola/>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

a de incitar os leitores e ouvintes a pensar a respeito de Deus, do ser humano e do mundo. Não há, portanto, uma definição única e fechada, mas uma abertura, para que os destinatários possam, livremente, descobrir o que aquelas imagens querem dizer⁹⁰.

Diferentemente, Paulo “pôs mais ênfase em ativar a inteligência e a compreensão de seus ouvintes, em pensar a realidade a partir de novas chaves de interpretação e, assim, mostrar o Reino com convicção e argumentação teológica”⁹¹.

2.2 O EVENTO DE DAMASCO

É impossível falar de Paulo sem deixar de tocar no evento de Damasco. Isto porquê ele é o evento fundante de todo o resto da vida de do apóstolo, de tudo o que ele fez e escreveu. “A vocação de Paulo é, indubitavelmente, o acontecimento de sua biografia que mais consequências teve, não só em sua vida, mas no devir dos grupos que ele criou”⁹².

Tal evento pode ser lido com detalhes no livro dos Atos dos Apóstolos, onde aparece contado e recontado por três vezes (cf. At 9,1-19;22,5-16;26,9-18). Ele é, como lembra Boring, comumente conhecido por “conversão de Paulo”, embora seja definido pelo próprio Paulo como “chamado”. “Não foi uma conversão no sentido de que Paulo se converteu de uma religião para outra. Ele não se via como alguém que havia abandonado o judaísmo e se juntado ao cristianismo”⁹³.

É certo, contudo, que ele nunca chegou a conhecer Jesus pessoalmente, diferente do grupo dos doze, por isso a sua insistência em afirmar tal encontro, para dar fundamentos à sua pregação.

Paulo sempre entendeu a si mesmo como alguém que foi chamado diretamente pelo Cristo ressurreto. Ele serviu por diversos anos como missionário autorizado pela igreja em Antioquia, e talvez já em Damasco. [...] Após uma pausa com a

⁹⁰ THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos**: uma teoria sobre o cristianismo primitivo. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 46.

⁹¹ ARBIOL, 2018, p. 168.

⁹² ARBIOL, 2018, p. 45.

⁹³ BORING, M. Eugene. **Introdução ao Novo Testamento**: história, literatura, teologia. Tradução Adenilton Tavares Aguiar. v. 1. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015. p. 306.

igreja de Antioquia e o início de sua missão ao Egeu, tornou-se importante para ele enfatizar que sua autorização como um apóstolo não dependia de autoridade humana.⁹⁴

Diferentemente daquilo que pode ser encontrado na obra lucana dos Atos dos Apóstolos, ou seja, a tripla narração do acontecimento de Damasco, muito pouco pode-se encontrar nas epístolas, a respeito do fato, da parte de Paulo, a descrição do evento é bastante frustrante⁹⁵.

O que se tem de dados, são pequenas afirmações de Paulo, de que ele também é testemunha da ressurreição de Cristo. Isto é, aquilo que se pode encontrar em sua primeira epístola à comunidade de Corinto, quando tenta se defender de acusações contra o seu apostolado, afirmando “não vi Jesus, nosso Senhor?”⁹⁶, ou em sua epístola aos Gálatas, quando afirmou ter Deus revelado a ele o seu Filho, para que ele o anunciasse aos gentios (cf. Gl 1, 12.16). “No caso de Paulo, a conversão e o chamado ao ministério são inseparáveis”⁹⁷.

Um dado interessante é o uso do verbo “ver” por Paulo, que foi bastante utilizado em contextos pós-pascais. O mesmo pode ser encontrado na experiência de Maria de Mágdala, no Evangelho segundo João (cf. Jo 20,14). Para Paulo, portanto, a aparição pós-pascal de Jesus a ele, é um privilégio dado a ele, para que pudesse, assim, anunciar a Boa Nova⁹⁸.

2.3 A IMPORTÂNCIA QUE JESUS TEVE PARA PAULO

Uma valiosa chave de leitura de Paulo, é a sua compreensão do evento da morte de Cristo na cruz. Como ele próprio deixa claro em sua primeira epístola aos Coríntios, a cruz é a única sabedoria que interessa. É loucura para alguns, mas é poder de Deus, onde encontramos a salvação⁹⁹.

Talvez, Paulo tenha sido o apóstolo que mais enfatizou este dado da história de Jesus. Quando nos deparamos com seus escritos, fica claro que Paulo não tem olhos para mais nada, senão para o Jesus na cruz. Para

⁹⁴ BORING, 2015, p. 307.

⁹⁵ MURPHY-O’CONNOR, 2000, p. 85.

⁹⁶ 1Cor 9,1.

⁹⁷ MURPHY-O’CONNOR, 2000, p.85.

⁹⁸ MURPHY-O’CONNOR, 2000, p. 86.

⁹⁹ cf. 1Cor 1, 17-18.

ele, é na cruz que Deus põe em prática a sua ação redentora na história¹⁰⁰. A cruz é a revelação do amor de Deus.

Para tanto, foi realmente necessário que ele mudasse a sua concepção do Crucificado. Sofrendo a influência dos helenistas, que viam na pessoa de Jesus, a figura do Servo sofredor, conforme narra o profeta Isaías, Paulo mudou sua concepção do crucificado. Não mais o vendo como um maldito de Deus, conforme citado no livro do Deuteronômio, mas reconhecendo a virtude de Jesus, de aceitar a cruz, sem reservas, revelando definitivamente, quem é Deus¹⁰¹.

Baseando-se em categorias hebraicas e helenistas, Paulo desenvolve a imagem de Jesus como Senhor, que dentro do âmbito helenista tem é chamado pelo termo grego *Kyrios*; e como Cristo, que no meio judeo-palestino é chamado de *Mesiah*; das quais é um grande impulsionador. Para o apóstolo, estes títulos possuíam um significado que foi cunhado pelo próprio Jesus, com sua vida e morte. Para Paulo, a confirmação de que Jesus é o Filho de Deus, está no fato de que Deus ressuscitou Jesus dos mortos. Isto é motivo suficiente para elevá-lo à categoria de Senhor¹⁰².

Por fim, tudo isto faz com que Paulo contribua com o desenvolvimento do culto a Cristo. Não com sacrifícios e liturgia de adoração como Deus, mas com orações¹⁰³. É possível destacar uma característica bastante peculiar das orações de Paulo. Ela, de um certo modo, permeia todas as orações. Basicamente, é o fato de que ele não faz orações a Cristo, mas a Deus, o Pai, por meio de Cristo. O fato de colocar Cristo como mediador da oração ao Pai, é uma maneira de ressaltar que as orações eram feitas como um resultado da ação redentora de Jesus¹⁰⁴.

Com essa característica podemos enfatizar três modos oracionais paulinos. O primeiro deles é o que aparece mais comumente na abertura de suas cartas, que podemos chamar de “orações e bons desejos”. Essas são orações que Paulo eleva a Deus, em favor dos seus destinatários. Importante ressaltar a ligação que faz entre Deus e Jesus, colocando-os sempre na mesma frase. O segundo é a saudação “graça e paz”, também nas aberturas, bem como as bênçãos que ele utiliza na conclusão de suas

¹⁰⁰ ARBIOL, 2018, p. 173.

¹⁰¹ ARBIOL, 2018, p. 174.

¹⁰² ARBIOL, 2018, p. 174.

¹⁰³ ARBIOL, 2018, p. 174.

¹⁰⁴ HURTADO, Larry W. **Senhor Jesus Cristo**: devoção a Jesus no cristianismo primitivo. Tradução Eliel Vieira. Santo André: Academia Cristã/Paulus, 2012. p. 196.

epístolas. Ambas orações são consideradas como fórmulas que deveriam ser lidas em voz alta nas assembleias litúrgicas, e representam a forte convicção de que Jesus e Deus estavam vinculados como a fonte das bênçãos. O terceiro modo oracional é aquele que aparece mais fortemente na segunda epístola aos Coríntios, em que Paulo diz elevar ao Senhor, muitas súplicas para que o livre de alguma aflição¹⁰⁵.

Paulo, contudo, não tinha uma cristologia bastante definida. Foram os seus discípulos, que mais tarde, a desenvolveram. Isto nos ajuda a não tomar conclusões precipitadas, afirmando que Paulo declarou que Jesus é Deus. O modo, porém, que ele escolhe para falar de Jesus é, talvez, o melhor modo para expressar a necessidade de dar nome às experiências pessoais que teve com o Ressuscitado, e que por isso tinham como centro a morte e ressurreição de Jesus¹⁰⁶.

¹⁰⁵ HURTADO, 2012, p. 196-197.

¹⁰⁶ ARBIOL, 2018, p. 175.

3 O CRISTIANISMO PRIMITIVO E O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO PAULINO

O desenvolvimento do cristianismo primitivo se deu em quatro gerações bem definidas, e teve sua finalização com a formação do cânone. É delimitado pelo período que abarca desde o ano 30 d.C. até o ano 190 d.C. As gerações se dividem da seguinte maneira: 30-70 d.C a primeira geração, 70-110 d.C. a segunda geração, 110-150 d.C. a terceira geração e 150-190 a quarta geração¹⁰⁷.

Longe de ser uma uniformidade, este período da história do cristianismo apresenta uma porção de correntes, manifestando, assim, uma realidade puramente plural, ao mesmo tempo que complexa, por todos os conflitos e tensões que dela derivaram¹⁰⁸. É um período “marcado por um impulso e criatividade que, ao menos em parte, é o que acontece com muitos movimentos religiosos ou carismáticos em seus inícios”¹⁰⁹. A fins de estudo, nos deteremos apenas nas duas primeiras gerações.

3.1 O DESENVOLVIMENTO DO CRISTIANISMO PRIMITIVO

A primeira geração (30 d.C a 70 d.C), é marcada por duas grandes importantes tradições, a tradição hebraica e a tradição helenista¹¹⁰. A aproximação e ligação entre Paulo e Jesus, é fruto da tradição dos cristãos da diáspora, os helenistas. São eles os primeiros a levar a memória de Jesus para além das fronteiras de Israel. E é a partir deles que Paulo ouve falar da morte e ressurreição de Jesus¹¹¹. São duas tradições marcadas por fatores culturais e linguísticos completamente diferentes¹¹². Com isso pode-se compreender a originalidade do pensamento de Paulo a respeito de Jesus, em relação aos demais crentes em Jesus¹¹³.

¹⁰⁷ ARBIOL, Carlos Gil. La pluralidad de los orígenes del cristianismo: divergencias y contrastes en las cuatro primeras generaciones. **Separata de LUMEN**, n. 60, p. 195-235, 2011. p. 199.

¹⁰⁸ THEISSEN, 2009, p. 338.

¹⁰⁹ “[...] marcados por el empuje y creatividad que, al menos en parte, tienen muchos movimientos religiosos o carismáticos en sus inicios” (ARBIOL, 2011, p. 200. Tradução nossa.)

¹¹⁰ THEISSEN, 2009, p. 344.

¹¹¹ ARBIOL, 2018, p. 165.

¹¹² THEISSEN, 2009, p. 344.

¹¹³ ARBIOL, 2018, p. 165.

Apesar de ser um momento em que a pessoa de Jesus começa a ser exaltada como divindade, não é um momento marcado por uma tensão entre a cristologia e o monoteísmo judaico, visto que a elevação de Jesus a tal grau não ofendia essa convicção de fé. Ao contrário, era confirmação da fé universal num único Deus, que se revelou em Jesus¹¹⁴.

Apesar disso, pode-se observar dois modos diferentes de estar no mundo e de proclamar ou viver a fé em Cristo. A de seita, mais comum entre os seguidores de Jesus de tradição judaíta, que viviam na Palestina, e que buscavam manter o modo de vida de Jesus; e a de culto, própria de Paulo, que com o seu horizonte internacional, conseguiu inserir-se no mundo greco-romano, sem perder a sua originalidade do seu anúncio¹¹⁵. “Estes dois modos de estar no mundo a partir da fé em Jesus gerarão, adicionalmente, muitas tensões internas entre os diferentes círculos do cristianismo nascente [...]”¹¹⁶.

Embora de maneiras diversas, estas duas tradições mantinham características comuns: a preocupação com o anúncio da morte e ressurreição de Jesus como o núcleo central do kerigma; a relação com a Lei mosaica e as interpretações da morte de Jesus, que varia nas duas tradições, enquanto que a tradição judaíta vê o cumprimento daquilo que os profetas já haviam previsto, os de tradição grega a entendem com um sentido soteriológico¹¹⁷.

O período da segunda geração (70-110 d.C), é marcado por quatro grupos: o grupo dos seguidores de Jesus na Galileia; os círculos cristãos da Judeia e de Jerusalém, que são os crentes “hebreus”; o grupo daqueles que acreditam em Cristo, mas estão no contexto da diáspora, os crentes “helenistas”; e por último, o grupo das comunidades joaninas¹¹⁸.

É deste período que começam a surgir uma porção de outros escritos, além do reconhecimento de escritos que surgiram dentro do espaço do primeiro período. O principal obstáculo para os estudos, contudo, é que faltam apresentações historiográficas coerentes, que nos façam compreender melhor o contexto histórico¹¹⁹.

¹¹⁴ THEISSEN, 2009, p. 77.

¹¹⁵ ARBIOL, 2018, p. 168.

¹¹⁶ ARBIOL, 2018, p. 169.

¹¹⁷ ARBIOL, 2011, p. 202.

¹¹⁸ AGUIRRE, Rafael, (ed). **Así empezó el cristianismo**. Verbo Divino: Estela, 2010. In: ARBIOL, Carlos Gil. Paulo na origem do cristianismo. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 165.

¹¹⁹ THEISSEN, 2009, p. 343.

Esses grupos não são simplesmente passivos. Cada um deles é responsável pelo desenvolvimento de novos escritos, como o Evangelho de Marcos, Mateus e Lucas, as cartas deuteropaulinas, entre outros. É importante ressaltar que, não obstante essas correntes tenham existido mais ou menos concomitantemente, não se pode dizer o mesmo dos escritos que elas produziram. Dado que se tem por certo que alguns textos que compõem o cânon do Novo Testamento, são mais recentes que outros. Como é o caso do Evangelho de João, considerado o mais recente que os sinóticos.

3.2 O “FRACASSO” DO PROJETO PAULINO

Podemos afirmar que o traço principal do projeto missionário de Paulo, consistia na restauração de Israel, a partir de Cristo. Uma de suas preocupações, como foi visto anteriormente, quando tratamos das semelhanças existentes entre Jesus e Paulo. Ao mesmo tempo, esta preocupação foi a fonte de inúmeros debates e tensões, e quem sabe o principal motivo para o seu aparente fracasso¹²⁰. É neste contexto que se situam o Concílio de Jerusalém (cf. At 15, 5-35) e o conflito em Antioquia (cf. Gl 2, 11-14). Em suma, “Paulo tentava relacionar positivamente os seguidores de Cristo gentios com as tradições de Israel, mas procurava, ainda assim, evitar que eles se tornassem prosélitos do judaísmo”¹²¹.

“Após a morte de Paulo, uma rede informal de mestres cristãos olhou para Paulo como o principal (ou exclusivo) líder apostólico da Igreja, e tentou interpretar e adaptar sua mensagem para outros contextos”¹²². Esse processo de reconstrução do seu projeto foi necessário para que ele pudesse se tornar mais viável.

Dentre estes, encontramos a figura de Lucas, evangelista e autor dos Atos dos Apóstolos. Somado a isso, colocam-se os eventos históricos, como a guerra judia dos anos 66-70 d.C, que culminou com a destruição do templo de Jerusalém. Fazendo com que houvesse a perda de um lugar comum culto, entre os gentio-cristãos e os judeus, que girava em torno do Templo¹²³.

Em linhas gerais, o “fracasso” do seu projeto se deu pelo fato de que ele não conseguiu fazer com que Israel se transformasse em Israel de Deus, não conseguiu fazer com Israel retomasse a sua vocação original,

¹²⁰ ARBIOL, 2019, p. 112.

¹²¹ CAMPBELL, 2011, p. 106.

¹²² BORING, 2015, p. 536.

¹²³ THEISSEN, 2009, p. 227.

de refletir o rosto de Yahweh e ser luz para as nações¹²⁴. Vejamos então, alguns outros traços característicos desse projeto paulino.

O ministério de Paulo é marcado pelo anúncio da fé em Jesus a partir da “centralidade do acontecimento revelador da cruz para compreender o significado e o alcance do messianismo de Jesus”¹²⁵. Esta descoberta feita por Paulo levou a duas características no seu modo de anunciar e viver a fé em Cristo.

A primeira delas é o obscurecimento da vida histórica de Jesus, de seus ditos e feitos¹²⁶. Isto, porém, não significa afirmar que Paulo não conhecesse nada a respeito da vida de Jesus, mas que “para Paulo, a autoridade de Jesus não se baseia nas palavras e feitos do Jesus terrestre, mas na ação de Deus”¹²⁷. Por isso não se preocupou em fundamentar seu projeto no Jesus histórico, como o faziam os seguidores de Jesus residentes em Jerusalém. Em segundo lugar, Paulo coloca Jesus no centro da sua teologia, ao afirmar que ele é o crucificado que foi ressuscitado¹²⁸.

O fato é que todo este discurso de Paulo, embora quisesse mostrar toda a sabedoria de Deus, sua força e debilidade, sua riqueza e pobreza, sua divindade e humilhação¹²⁹, colocou muito peso no dado da cruz e fez com que, apesar de ser a base, soasse um tanto ambíguo ou impreciso, com complicadas implicações práticas. Isto começou a mudar, quando as cartas deuteropaulinas¹³⁰ passaram a ampliar o dado da teologia da cruz, passando pela ressurreição e exaltação de Cristo. Isto foi feito, principalmente, para reduzir as tensões internas, que Paulo teve no passado, o máximo possível. A partir de então, a cruz deixou de ter a sua centralidade, sem ser excluída do discurso¹³¹.

Para resolver a questão da falta de elementos históricos da vida de Jesus nas pregações de Paulo, o processo de transformação contou com a ajuda do evangelista Marcos, que por mais que seja considerado como um intérprete de Pedro, de acordo com Arbiol, ele está muito mais ligado à

¹²⁴ ARBIOL, 2015, p. 389.

¹²⁵ “[...] centralidad del acontecimiento revelador de la cruz para comprender el significado y alcance del mesianismo de Jesús”. (ARBIOL, 2015, p. 377. Tradução nossa).

¹²⁶ ARBIOL, 2015, p. 377.

¹²⁷ THEISSEN, 2009, p. 78.

¹²⁸ CAMPBELL, 2011, p. 240.

¹²⁹ ARBIOL, 2015, p. 377.

¹³⁰ São um conjunto de cartas que não foram escritas pelo próprio Paulo, mas que são atribuídas a ele como sendo seu autor, e pertencem à tradição paulina. Em outras palavras, pode-se falar que são pseudônimas. (BORING, 2015, p. 544).

¹³¹ ARBIOL, 2015, p. 396.

memória de Paulo. “Marcos ampliou a teologia da cruz com uma teologia da vida de Jesus: esta vida, os ditos e feitos de Jesus, explicava o sentido de sua morte na cruz (e vice-versa) e ampliava o horizonte teológico de Paulo”¹³². Basicamente, Marcos transferiu a “dignidade divina de Jesus, objetivamente fundada nas aparições pascais, para a vida de Jesus”¹³³. Com isso, ele mostra, desde o Batismo, que Jesus é o Filho de Deus.

Mais tarde, Lucas entra em cena com a sua contribuição, reunindo as perspectivas de Paulo e de Marcos em seus escritos; desenvolvendo o seu Evangelho da vida de Jesus, com todos os acontecimentos históricos, e continuando com a obra dos Atos dos Apóstolos, em que apresenta as consequências da ressurreição e ascensão de Jesus, bem como a vinda do Espírito Santo¹³⁴.

A questão da urgência escatológica também foi um outro fator a ser resolvido. Os acontecimentos do ano 70 d.C, fizeram com que essa esperança da volta iminente de Cristo, precisasse ser melhor compreendida. Isto pode ser percebido nas cartas aos Colossenses e aos Efésios.

Em Colossenses, o escathon é adiantado, não em sua totalidade, para o presente, visto que ainda haverá uma intervenção futura. O fator determinante, porém, é o evento da morte de Cristo e da sua ressurreição. Assim, aquele que crê em Cristo, está unido a ele já no momento em que com ele é crucificado (cf. Col 3, 1-4)¹³⁵.

Em Efésios, o dado da união em Cristo por meio da sua morte e ressurreição, expresso em Colossenses, é exaltado e confirmado, afirmando ainda que é pela misericórdia de Deus e pelo imenso amor com que nos amou, que fomos salvos; ressuscitando-nos e nos colocando assentados junto de Cristo nos céus (cf. Ef 2, 3-4)¹³⁶. Há ainda outras tradições que contribuem para essa transformação do tema da escatologia, mas que não nos deteremos aqui.

Uma outra característica do projeto de Paulo é a incorporação de um grande número de pessoas que estavam às margens da sociedade

¹³² “Marcos amplió la teología de la cruz con una teología de la vida de Jesús: esta vida, los dichos y hechos de Jesús, explicaba el sentido de su muerte en cruz (y viceversa) y ampliaba el horizonte teológico de Pablo”. (ARBIOL, 2015, p. 398.).

¹³³ THEISSEN, 2009, p. 78.

¹³⁴ ARBIOL, 2015, p. 398

¹³⁵ BORING, 2015, p. 564.

¹³⁶ ARBIOL, 2015, p. 399.

urbana de sua época. Esta característica é baseada na identidade de Deus, descoberta na morte de Jesus na cruz, como um amaldiçoado¹³⁷.

As assembleias paulinas eram uma realidade plural: reuniam mulheres e escravos, que tinham autorização para pregar; colocava no mesmo nível, judeus e gentios; era um lugar de acolhida para pessoas débeis e sem formação; juntamente com pessoas cultas, com possibilidades econômicas. Tudo isso para fazer de Israel, um povo que refletisse um Deus que está presente nos rostos das vítimas e dos marginalizados, daqueles que não contavam para a sociedade ou para o Império¹³⁸.

Este tipo de concepção foi, também, causa de muitas tensões, pois ia contra o modelo patriarcal, constituinte das comunidades. O processo de transformação do projeto paulino, fez com que essa resistência fosse suavizada ou até mesmo eliminada, e nas assembleias passou-se a adotar os modelos greco-romanos de patriarcado. Com isso, as mulheres, os escravos e os jovens, passaram a ocupar o lugar que lhes cabia já dentro da sociedade. A partir de então, o modelo de autoridade é o *pater familias*¹³⁹.

Por fim, é necessário ressaltar o caráter independente e autônomo que Paulo assumiu para o seu apostolado. Este dado também foi foco de tensões, primeiramente pelo fato de Paulo se autointitular apóstolo (cf. 1Cor 1,1). A tensão se dava porque haviam aqueles que afirmavam que o apostolado pertencia à liderança de Jerusalém, portanto, para que Paulo pudesse ser considerado apóstolo, deveria ir a Jerusalém e receber deles, a autorização e o envio ao ministério¹⁴⁰.

Neste sentido, a relação com os demais líderes das comunidades cristãs de sua época era bastante complexa. Muito embora Paulo não tenha sérias dificuldades em aceitar e reconhecer a autoridade deles. Não é perceptível em Paulo, qualquer tipo de competição no processo de evangelização. Além disso, Paulo não tinha as áreas da Palestina como seu território de missão, além de reconhecer a missão para a circuncisão, como uma missão paralela à sua, a da não circuncisão¹⁴¹.

A ambiguidade gerada por esta autonomia e vinculação, fez com que, na segunda geração, a imagem de Paulo sofresse uma reconstrução, fazendo com que fosse diminuída ao máximo essa distância entre essas

¹³⁷ ARBIOL, 2019, p. 112.

¹³⁸ ARBIOL, 2015, p. 383-385.

¹³⁹ ARBIOL, 2019, p. 113.

¹⁴⁰ DUNN, 2017, p. 172.

¹⁴¹ CAMPBELL, 2011, 78-83.

três grandes figuras da primeira geração, Tiago, o irmão do Senhor, responsável pela Igreja de Jerusalém; Pedro, chefe da Igreja de Antioquia e Paulo.

Em primeiro lugar, a divisão dos campos de missão, após o Concílio de Jerusalém, deu a devida autorização ao apostolado de Paulo, bem como o colocou em pé de igualdade com a missão de Pedro e dos demais apóstolos. Com isso, Paulo se converte em mais um pilar do cristianismo nascente, em que Cristo é a pedra angular (cf. Ef 2, 19-22), e tem como cimento a fé dos apóstolos¹⁴².

Em segundo lugar há a recordação do martírio de Pedro e Paulo, em Roma. Esta tradição teve início, da parte de Paulo, com as cartas deuteropaulinas, somadas às pastorais. Na parte de Pedro, foi João em seu Evangelho quem deu as pistas, que foram confirmadas mais adiante com as epístolas de Pedro e outros escritos. Tudo isso mostra uma reconciliação em uma única liderança, que foi crucial para a criação e desenvolvimento da comunidade de Roma¹⁴³.

No decorrer da história, a figura de Paulo foi assumindo um importante status, no desenvolvimento do cristianismo nascente. Autores como Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna ou Marcião, tiveram acesso às suas cartas e as utilizavam em suas assembleias, legitimando a apostolicidade de Paulo¹⁴⁴.

Somado a isso, há ainda, o grande crescimento de suas comunidades, e o bom trabalho que fizeram seus colaboradores, difundindo suas ideias por meio de suas cartas pseudoepígrafas e à Lucas, que soube articular bem os seus traços mais radicais, contando a sua história ao ponto de que Paulo pudesse ser bem aceito¹⁴⁵.

3.3 ESTRATÉGIAS DE RECONSTRUÇÃO DE PAULO

Não somente a teologia e pensamento paulino, sofreram modificações após a morte de Paulo. Sua imagem também. Lucas, certamente, foi um dos que mais contribuiu para esta reconstrução. Além disso, há ainda que se contar com as contribuições dadas pelas cartas deuteropaulinas, escritas pelos discípulos de Paulo, aproximadamente pelos anos 80 d.C., e pelas cartas pastorais, que tem seu contexto dentro dos inícios do segundo século.

¹⁴² ARBIOL, 2015, p. 405.

¹⁴³ ARBIOL, 2015, p. 406.

¹⁴⁴ ARBIOL, 2018, p. 187.

¹⁴⁵ ARBIOL, 2018, p. 189.

Paulo, é o fio condutor do relato lucano. Ele não aparece logo de início como protagonista, mas vai ganhando força à medida que o texto avança, sendo a Assembleia de Jerusalém o ponto crucial. Quando lido em Atos dos Apóstolos, Paulo é apresentado como o grande herói de Lucas. Ali descobrimos que ele é conhecedor da retórica helenista, possui educação judaica farisaica e é cidadão romano. Querendo mostrar as origens da fé em Jesus, e modo como ela se difundiu até os confins do mundo, ele mostra na conversão e vocação de Paulo, bem como em todos os demais acontecimentos de sua vida, o que o Espírito Santo é capaz de fazer. Paulo passa de perseguidor dos cristãos ao maior propulsor da fé em Cristo¹⁴⁶.

Dentro desta narrativa, o apóstolo também aparece como herdeiro da missão de Pedro, que foi o primeiro missionário aos gentios. Isto se dá pelo interesse que Lucas tem de separar o tempo dos Doze do tempo de Paulo. A missão de Paulo, então, passa a ter suas raízes em Israel. Ele torna-se, com isso, o elo de ligação entre Israel e o cristianismo nascente, da igreja que é herança de Israel¹⁴⁷.

Lucas aproxima Paulo de duas realidades. A primeira é a pessoa de Jesus. O fato é que, lendo o livro dos Atos, é possível encontrar uma grande simetria entre a história e fatos da vida de Jesus, com a história e fatos da vida de Paulo. É possível afirmar que Cristo é o modelo de Paulo. Este caminho leva a uma veneração de Paulo, a partir do segundo século. É visto como uma fonte da revelação, alguém que faz parte do anúncio redentor. O mesmo quase acontece nas cartas pastorais, em que ele é o único a receber o título de apóstolo, o protótipo de seguidor de Cristo e fundador da igreja¹⁴⁸.

A segunda aproximação é a do sofrimento de Paulo com o sofrimento dos seguidores de Cristo. Paulo torna-se, portanto, um exemplo a ser seguido. Ele está o tempo todo determinado a sofrer por causa do nome de Cristo, a enfrentar e aceitar a morte por causa dele. Em Paulo ocorre a mudança de um perseguidor a uma testemunha perseguida. Contudo, o destaque do sofrimento de Paulo por conta da Igreja não é em vão, com isso Lucas confirma a validade do projeto, por parte de Deus. Ele mostra que a Igreja sofrerá perseguições e hostilidades, mas ela permanecerá firme porquê Deus está com ela, como esteve na missão de Paulo. Este dado também é visto nas cartas deuteropaulinas, quando afirma que a missão da Igreja é a participação nos sofrimentos de Cristo.

¹⁴⁶ ARBIOL, 2018, p. 182-183.

¹⁴⁷ ARBIOL, 2018, p. 184.

¹⁴⁸ ARBIOL, 2018, p. 184.

Diferentemente das cartas pastorais, em que a referência a Cristo dá lugar ao benefício que o sofrimento de Paulo tem para a Igreja¹⁴⁹.

¹⁴⁹ ARBIOL, 2018, p. 185.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa apresentou um breve estudo acerca do apóstolo Paulo, com o objetivo de responder à questão: teria sido Paulo, o fundador do cristianismo primitivo?

Para alcançar o objetivo proposto, realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico. Foram utilizadas obras de Carlos Gil Arbiol, James D. G. Dunn, Jerome Murphy-O'Connor, e outros. Enriquecido com outros artigos relacionados ao tema. Os capítulos do presente trabalho foram dispostos de modo que se pudesse compreender melhor o contexto histórico e cultural do apóstolo Paulo, bem como a sua relação com a pessoa de Jesus. Com isso, buscou-se assimilar o seu papel na difusão da fé em Cristo, nos primeiros anos do cristianismo.

Ao final desta pesquisa, vemos que independentemente da dificuldade que se tem de encontrar uma biografia que narre com maior exatidão os acontecimentos da vida de Paulo, bem como o seu desenvolvimento, não se deve deixar de medir esforços para que isto ocorra, dada a importância para a compreensão de diversos aspectos de sua vocação e missão. Pois de acordo com Schnelle, para falar de Paulo, não se pode separar o seu pensamento da sua vida. Há um conjunto que precisa ser visto como tal.

Paulo era um homem plural, ligado a três mundos culturais diferentes, mas que coexistiam na sociedade, nem sempre em paz e harmonia, e na sua própria pessoa. Era grego, romano e hebreu; e isto traz grandes consequências para o seu apostolado e, à vista disso, para o anúncio do Evangelho, pois o permitiu caminhar entre as diversas sociedades, com uma grande facilidade.

O evento de Damasco é, sem dúvidas, o evento que mais tem influência na vida de Paulo. De acordo com a cronologia apresentada na pesquisa, ele ocorreu apenas três anos após a morte e ressurreição de Jesus. O fator mais preponderante deste evento é a compreensão que Paulo tem dele, ou seja, Paulo ao longo do tempo se reconhece como uma das testemunhas da ressurreição, a ponto de afirmar que o Ressuscitado apareceu por último a ele, sendo, portanto, o último a testemunhar a ressurreição. É isto que lhe dá autoridade de iniciar a sua própria missão apostólica fora das fronteiras de Israel.

Paulo e Jesus nunca se conheceram pessoalmente, tendo em vista que habitavam localidades bastante diferentes, apesar de terem vivido na mesma época. Contudo, compartilhavam, além de outras características, uma mesma e nobre preocupação, a restauração do povo eleito de Israel.

Esta inquietação, somada a uma personalidade bastante forte e radical, a uma urgência escatológica, que brotou da experiência fascinante com o Ressuscitado, que fez tremer todas as suas bases e convicções, fazendo-o enxergar a realidade com novos olhos; fez com que o projeto de Paulo, bem como o seu próprio apostolado, não fosse muito bem compreendido e aceito por parte de alguns. Disso resultam os diversos problemas que teve que enfrentar com a comunidade de Jerusalém, aqueles que queriam se manter fiéis ao modo de viver de Jesus e a quem ele chamou de “os da circuncisão”. Por conta disso ele precisou, por diversas vezes, se defender em suas cartas e afirmar a fecundidade de sua missão, muitas vezes fundamentando-se no seu próprio testemunho de vida.

Este é, portanto, o dado que mais nos ajuda a encontrar uma resposta satisfatória à nossa questão: o projeto missionário de Paulo. Como um bom arquiteto, e poderíamos dizer, como um bom mestre de obras, Paulo não parte para a missão sem ter um norte, sem ter um porquê. Compartilhando da esperança de Jesus quanto à renovação de Israel, e confiando na autoridade que o encontro com o Ressuscitado o conferiu, o apóstolo das nações não mede esforços para que o seu projeto se realize.

Da relação entre Paulo e Jesus, constatamos o valor do ministério paulino, que só tem validade por causa do ministério de Jesus, que foi anterior ao seu. Ou seja, nós só podemos levantar a hipótese de que há o cristianismo, porquê antes, há o Cristo. Se colocarmos ainda, nesta relação, um grau de importância às pessoas da relação, percebemos que há uma hierarquia entre ambos, que não pode ser deixada de lado.

Assim, podemos dizer que a origem do cristianismo é a pessoa de Jesus, o Cristo. Que é a principal fonte, e o objeto da missão paulina. Porém, estaríamos cometendo injustiça e mentindo, se não afirmássemos o papel de Paulo na difusão da fé e da vida em Cristo.

Com isso, chegamos a um ponto importante de nossa conclusão. Mas qual seria, então, o papel de Paulo na difusão da fé em Jesus Cristo nos primeiros anos do cristianismo?

Paulo em seu projeto missionário, não conseguiu que a renovação de Israel em Cristo ocorresse como ele gostaria enquanto estava vivo. Unido a isso, há o fato de ele não ter sido bem assimilado pelos de sua época, fazendo com que o seu projeto tenha sofrido diversos, e pequenos, fracassos, marcado por discussões e até mesmo violência. O ministério de Paulo se dá, então, de fracasso em fracasso. Sua força de vontade neste sentido, impressiona, pois não se deixa abater pelas necessidades, perseguições e angústias que o seu projeto apostólico tem lhe trazido. Olhando para a cruz e o crucificado, é capaz de afirmar que a sua força

está na sua fraqueza, pois a força que move o seu ministério é a graça de Cristo (cf. 2Cor 12, 9-10).

Seus discípulos e simpatizantes, porém, não deixaram que ele se perdesse no tempo. A pregação da cruz, os ensinamentos de que Jesus era o Cristo, o Filho de Deus Pai, por meio de quem Deus manifesta a sua obra; eram dados muito importantes para serem abandonados. Isto levou a uma preocupação em reconstruir a sua imagem nos anos seguintes ao da sua morte, adaptando o seu projeto de uma maneira um pouco mais branda, muitas vezes modificando quase que por completo, aquilo que Paulo teria ensinado e pregado. Dado este, que encontramos nos Atos dos Apóstolos, nas epístolas deteropaulinas e nas epístolas pastorais. Fato que nos dá garantia da fundamental importância que teve o seu apostolado.

Embora, num primeiro momento, Paulo não tivesse a pretensão de fundar o cristianismo. Ele acabou sendo um dos corresponsáveis por esta fundação, pelo fato de que tudo aquilo que escreveu, ensinou e viveu, serviu de base para a propagação da fé em Cristo nos anos que se seguiram. Assim chegamos ao motivo pelo qual podemos dizer que o cristianismo que conhecemos é, também, um cristianismo paulino.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Rafael, (ed). **Así empezó el cristianismo**. Verbo Divino: Estela, 2010. In: ARBIOL, Carlos Gil. Paulo na origem do cristianismo. São Paulo: Paulinas, 2018.

ARBIOL, Carlos Gil. El fracaso del proyecto de Pablo y su reconstrucción. **Estudios Bíblicos**. n. 73; p. 373-408, 2015.

ARBIOL, Carlos Gil. La novedad de Pablo en el judaísmo de su tiempo. Un debate que no acaba. **Revista Bíblica**, n. 81; p. 91-117, 2019.

ARBIOL, Carlos Gil. La pluralidad de los orígenes del cristianismo: divergencias y contrastes en las cuatro primeras generaciones. **Separata de LUMEN**, n. 60, p. 195-235, 2011.

ARBIOL, Carlos Gil. **Paulo na origem do cristianismo**. São Paulo: Paulinas, 2018.

BIBLIA de Jerusalém. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

BORING, M. Eugene. **Introdução ao Novo Testamento**: história, literatura, teologia. Tradução Adenilton Tavares Aguiar. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.

CAMPBELL, William S. **Paulo e a criação da identidade cristã**. Tradução Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2011.

DETTWILER, Andreas; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel (Orgs). **Paulo, uma teologia em construção**. São Paulo: Loyola, 2011. p. 337-362.

DICIONÁRIO On-line de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/parabola/>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

DUNN, James D. G. **Jesus, Paulo e os Evangelhos**. Petrópolis: Vozes, 2017.

FABRIS, Rinaldo. **Paulo**: apóstolo dos gentios. Tradução Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2001.

HAWTHORENE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Tradução Barbara Theodoro Lambert. São Paulo: Loyola, 2008.

HURTADO, Larry W. **Senhor Jesus Cristo**: devoção a Jesus no cristianismo primitivo. Tradução Eliel Vieira. Santo André: Academia Cristã/Paulus, 2012.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Paulo**: biografia crítica. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2000.

QUESNEL, Michel. **Paulo e as origens do cristianismo**. Tradução Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2004.

RAVASI, Gianfranco. **Paulo, Servo di Cristo Gesù, apostolo per vocazione**: un ritratto spirituale e culturale dell'Apostolo delle genti. Genova, 2009. 1 vídeo (1h:43min.16s.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QSygFiUDMeo&t=1562s>>. Acesso em: 17 março 2020.

SCHNELLE, Udo. **O presente da salvação, o centro do pensamento paulino**. In: DETTWILER, Andreas; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel (Orgs). Paulo, uma teologia em construção. São Paulo: Loyola, 2011. p. 337-362.

SCHNELLE, Udo. **Paulo**: vida e pensamento. Tradução Monika Ottermann. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos**: uma teoria sobre o cristianismo primitivo. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2009.